Do miradouro se vê o horizonte

A amabilidade urbana e os lugares de memória revelados na intervenção temporária

Luiz Guilherme Staine Prado

* FBAUL Universidade de Lisboa/luizguilhermes@gmail.com

Resumo:

O artigo apresenta uma reflexão sobre como a fotografia, praticada enquanto uma intervenção artística temporária, pode vir a revelar a qualidade da amabilidade em um espaço urbano específico; verifica-se, também, de que modo seu acontecimento e sua possibilidade de representação contribuem na concepção deste espaço como um lugar de memória. Orientado pelos conceitos de "lugares de memória" do francês Pierre Nora, professor Doutor em História, e de "amabilidade urbana" da brasileira Adriana Fontes, professora Doutora em Arquitetura, nasce o projeto de intervenção temporária "Do miradouro se vê o horizonte". Durante as duas últimas semanas do ano de 2018 fotografei o Miradouro da Graça, na cidade de Lisboa, e recolhi pequenos fragmentos de texto, escritos pelas pessoas que ali estavam a observar e a fotografar o horizonte – a modo de um costume, já obsoleto, de datar as fotografias no verso e fazer breves observações sobre o momento. A partir das imagens realizadas e dos fragmentos de texto, é possível pensar no modo como a relação entre tais conceitos pode estimular uma prática artística.

Palavras-Chave: fotografia, intervenção temporária, lugares de memória, amabilidade.

*Mestrando em Arte Multimédia com especialização em Fotografia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Lisboa, Portugal.

Viajas para reviver o teu passado? – era a pergunta de Kan,
que também podia ser formulada assim: – Viajas para achar teu futuro?
E a resposta de Marco: – O algures é um espelho em negativo.
O viajante reconhece o pouco que é seu, descobrindo o muito que não teve nem terá.
–Italo Calvino

- **A amabilidade urbana como qualidade de reação**

Amabilidade urbana é uma qualidade específica que se manifesta no espaço público quando este é submetido a uma intervenção temporária. A construção teórica deste conceito ~~se~~ volta a investigar quais as consequências de uma intervenção temporária; o que permanece e o que se transforma na interação das pessoas com o espaço urbano contemporâneo. Trata-se de um atributo espacial que se desperta através de conexões e interações entre pessoas e espaço, opondo-se ao individualismo que, muitas vezes, caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas. Conforme explica Adriana Fontes, − em seu artigo "Amabilidade urbana: a qualidade do espaço-tempo da intervenção temporária" – enquanto a intervenção temporária representa a ruptura positiva do cotidiano, a amabilidade significa a ruptura de hábitos individuais cristalizados no espaço coletivo; é uma qualidade possível e alcançável motivada pela potência das intervenções temporárias em seu espaço de acontecimento.

> Amabilidade significa a ação ou a qualidade de amável, o ato ou estado de comportamento que pressupõe a generosidade, o afeto ou a cortesia com o outro. É um termo que evoca a proximidade e a abertura, seja em seu uso corrente, seja aplicada aos espaços urbanos, tal e qual desejo cunhá-la: a amabilidade urbana. (Fontes, 2011, p. 24).

Fontes pontua que a obra de Bachelard (1957), "*A Poética do Espaço*" é referência na elaboração de seu conceito. A definição do termo espaço feliz e o conceito de topofilia,[1] demonstram a preocupação de Bachelard em compreender a relação do indivíduo com espaços em que se percebe pertencente e se sente amado. Bachelard define que o espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa, do abrigo, do refúgio, ou seja, o espaço feliz é, portanto, um lugar físico da vida íntima, espaço de intimidade. Podemos inferir, dada a devida distância temporal, que ambos possuem uma sensibilidade se-

[1] O conceito descrito por Bachelard topofilia é resultado da contração da palavra grega topos que exprime o lugar, e filia do grego philos que indica noções de afeição, gosto ou amizade Topo: lugar e Filia: sentimento positivo busca expressar como os laços afetivos/simbólicos são estabelecidos com o espaço.

melhante na forma como nos convocam à olhar um espaço sob a perspectiva do afeto; e chamam atenção para a importância de sua existência enquanto algo que reage, resiste e confronta o *status quo* da modernidade ocidental capitalista – e seus processos imperativos que favorecem aspectos negativos como a alienação e individualismo.

- **O observador e a cidade contemporânea**

É evidente, então, que exista no meio urbano uma espécie de dialética material, uma dialética dos espaços, já que tanto Bachelard quanto Fontes~~,~~ afirmam certos espaços como prova física – capazes de contrariar e responder ativamente aos maus sintomas da cidade contemporânea. O que diferencia a abordagem de Fontes é a forma como ela se utiliza das intervenções temporárias como um meio para verificar a possibilidade de um espaço expressar um sentimento. A crítica deste espaço urbano contemporâneo pode ser feita sob diversos campos do conhecimento. Ainda que ela não seja o propósito deste artigo é importante que seja comentada, pois é a partir de sua análise que surgem os conceitos trabalhados e inclusive é dela que me sirvo para elaborar a minha própria intervenção (que será apresentada a seguir). Portanto, aqui escolho as citações de Nietzsche em *A vontade de Poder* (1967) e Flusser em *A Filosofia da Caixa Preta* (1983) que contextualizam brevemente este cenário onde somos observadores[2] enredados no meio urbano.

> A sensibilidade é imensamente mais irritável; (...) a abundância das impressões díspares é maior do que qualquer outra época; o cosmopolitismo das comidas, das literaturas. Dos jornais, das formas, dos gostos e mesmo das paisagens. O tempo deste influxo é um prestíssimo; as impressões desfazem-se; resistem instintivamente a absorver algo, a se impressionar profundamente, a digerir algo; daí sobrevém o enfraquecimento de digestão. Produz-se uma espécie de adaptação a essa enxurrada de impressões; o homem esquece o modo de agir; ele só reage a estímulos exteriores. (Nietzsche, 1967, p. 47)

Multiplique a velocidade e os ecrãs, adicione pixels e fibra ótica e temos a constatação de Flusser que, mesmo tendo vivido em uma época analógica, parecia já prever o que aconteceria nas décadas seguintes com a invenção da internet, dos smartphones e das redes sociais. Além do mais o autor denuncia a relação de funcionalismo dos seres humanos com os aparelhos – afirmando

[2] Escolho o termo conforme a definição de Jonathan Crary em "Técnicas do Observador" (1990); o observador como aquele que vê em um determinado conjunto de possibilidades, estando inscrito em um sistema de convenções e restrições.

a câmera fotográfica como sendo "o" aparelho/modelo vigente de nossa sociedade, nos convidando a melhor decifrá-la – questão pertinente para a intervenção que proponho. Segundo Flusser:

> A estrutura pós-histórica do nosso pensamento pode ser encontrada em vários outros terrenos: biologia, psicologia, linguística, informática, cibernética, para citar apenas alguns. Em todos, estamos já, de forma espontânea, pensando informaticamente, programaticamente, aparelhisticamente, imageticamente. Estamos pensando no modo pelo qual pensam computadores. Penso que estamos pensando de tal maneira porque a fotografia é o nosso modelo, foi ela que nos programou para pensar assim. (Flusser, 1983, p. 97).

- **Os Lugares de Memória**

O historiador francês Pierre Nora nos chama atenção para o fato de que, desde os últimos anos do século passado, vários países, grupos sociais, étnicos e até mesmo as famílias, passam por um processo de profunda mudança na forma como tradicionalmente se relacionavam com o passado; e, por isso, testemunhamos uma preocupação sobre como lidamos com memória e como isso se relaciona com a própria formação de identidade. De 1978 a 1981 Nora promoveu um seminário na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris, que reuniu intelectuais franceses para refletir sobre o processo de construção da identidade nacional francesa diante das novas realidades políticas e culturais trazidas pela proposta da União Europeia e dos novos desafios da globalização e do multiculturalismo.

Na definição daquele que formulou e divulgou o conceito, os lugares de memória são, primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. De acordo com Nora, existem lugares de memória porque não há mais meios de memória e falamos tanto sobre memória porque ela já não existe mais – a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história.

> Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação car-

> nal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. (Nora, 1984, p. 8)

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa a história depressa os varreria. Longe de ser um produto involuntário e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse em seu estudo vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica.

Na introdução aos sete volumes da coleção *Os Lugares de Memória*, intitulada "*Entre memória e história: a problemática dos lugares*", o autor define os lugares de memória quanto um cometimento, que hoje, as sociedades desritualizadas talvez não conceberiam – é um esforço humano que nos conta sobre outra era.

> É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação (...). Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. (Nora, 1993, p.13)

- **O Miradouro é um Lugar de Memória**

O local escolhido para realizar a intervenção artística é o Miradouro Sophia de Mello Breyner Andresen, batizado com o nome da importante poetisa portuguesa do século XX, falecida no ano de 2004. É também conhecido como Miradouro da Graça, localizado na cidade Lisboa, na freguesia de São Vicente, Largo da Graça. Do miradouro se vê o horizonte, e se vê também muitas pessoas a apreciá-lo: o corpo que se dirige à beira e permanece imóvel, os pés alinhados, os olhos percorrem todo o espaço e repousam no que há de mais distante. A olhar o horizonte somos todos velhos e somos todos crianças. São moradores locais que saem de suas casas em busca do por do sol, casais que

aproveitam o passeio e fazem planos, turistas que carregam folhetos e anseiam por novas informações, artistas a trabalhar, pedintes, viajantes que contam o tempo em seus próprios termos, crianças que apontam o dedo e perguntam pelo nome, fotógrafos amadores em frenesi coletivo que apertam os botões de suas câmeras, e de seus telemóveis com câmeras, no compromisso de retratar todos os ângulos possíveis da vista do miradouro; do rio Tejo ao Castelo de São Jorge, passando pelo Parque Monsanto, os telhados tradicionais e à Ponte 25 de Abril, sem perder a luz dourada que anuncia o fim da tarde.

O miradouro da Graça, pode ser um local de referência se quisermos entender o fenômeno do turismo na cidade de Lisboa, seu estado acelerado de transitoriedade e sua condição permanentemente provisória – simbolizada por gruas espalhadas por toda a cidade. Portanto, são nestas circunstâncias que apresento minha intervenção temporária e demonstro como ela vem a se articular com os conceitos de amabilidade urbana e lugar de memória.

O ritual se revela no miradouro: caminhar até a beira, fotografar a paisagem e repousar o olhar na linha do horizonte. Percebo o quanto essa atitude se repete e me chama a atenção; neste ritual espontâneo o horizonte e até mesmo o rio são elementos atraentes da paisagem, eles evocam e são capazes de provocar outras conjunções com o observador. Mas o que faz então, desta relação, deste ritual, algo excepcional e fora de ordem ? O que exatamente o provoca? A existência deste ritual (Figura 1), é suficiente para definir o Miradouro como um lugar de memória?

Figura 1. Guilherme Staine Prado, *Do Miradouro se vê o horizonte*, 28 de dezembro de 2018. Miradouro da Graça, Lisboa.

Volto à teoria de Nora e consigo verificar na prática deste ritual, o que diz o autor sobre sua função social de coesão – que permite a possibilidade de reunificar o indivíduo fragmentado da sociedade contemporânea. Acredito que os afetos, as memórias e subjetividades particulares de todos ali, são como fragmentos que, quando organizados de maneira conjunta por essa dinâmica espontânea do ritual, ainda que por ora estejam ocultos e em silêncio, contribuem para que cada um se reconheça como sujeito agente de seu tempo, pertencente e engajado com aquele espaço.

- **A intervenção temporária e o ato fotográfico**

Desse modo, procuro por uma prova concreta, uma evidência material que possa me aproximar da experiência de cada observador, é a sua interação que determina um espaço como lugar de memória. Logo, minha intenção nesta intervenção é pensar uma maneira de decifrar estes fragmentos, recolhê-los e torná-los legíveis – não basta concluir da existência dos afetos e da memória apenas em teoria; e lembro que tanto Fontes quanto Nora, também pretendiam demonstrar que seus conceitos não estavam fora do domínio da forma física. É a prática fotográfica que me guia a compreender a questão e me aproximar de tal feito. A intervenção consiste em abordar as pessoas que ali estão a observar e fotografar, e pedir a elas que respondam por escrito, em uma folha de papel que lhes é entregue, a seguinte pergunta: Se esta paisagem é vossa fotografia, o que escreverias no verso desta fotografia? O que esta paisagem te desperta? E aproveitando o período de fim de ano: Tens alguma resolução de ano novo? Em seguida peço para que a pessoa não se identifique e faço o mesmo em nossa breve interação, detalhe que julgo importante para que se escreva de forma honesta e despreocupada. Após a recolha das folhas escritas, as coloco à beira da grade, expostas para que os que tiverem interesse possam ler os escritos.

Convocar a este exercício de datar e inserir anotações no verso da fotografia é, nesta situação específica, chamar a atenção para a real necessidade de produzi-las em primeiro lugar; não se quer apenas um registro do visível (se assim fosse, as cameras ficariam inoperantes devido a facilidade de se encontrar boas fotografias em bancos de imagens), é preciso fazer a própria fotografia porque o que desejamos é guardar o acontecimento e registrar nossa presença dentro dele – é por isso que raramente nos esquecemos de uma fotografia quando somos nós a olhar através da camera. As palavras de Dubois em *O ato fotográfico,* complementam essa perspectiva fundamental sobre a conjunção entre o olhar e a imagem, a fotografia e suas circunstâncias que as anotações sugerem – o jogo que a anima. Segundo ele:

> A fotografia não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um *fazer* e de um *saber fazer*, uma figura que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, antes, um verdadeiro ato icônico uma imagem se quisermos mas *em trabalho*, algo que não é possível conceber fora de suas circunstâncias, do jogo que a anima. É, ao mesmo tempo e consubstancialmente uma imagem-ato, compreendendo-se com isso que esse ato não se limita apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem (o gesto da 'tomada'), mas que inclui também o ato de sua recepção (sua "contemplação"). Vê-se por aí o quanto esse meio, pretensamente objetivo – do qual muitas vezes se disse, no plano filosófico, que se efetuava na ausência do homem – implica ontologicamente a questão do sujeito, e mais especialmente do sujeito *em processo*. (Dubois, 2012, p. 27)

As anotações expressam a vontade de fazer do instante da fotografia ou no caso, do momento de observação, um documento pessoal que seja legível para o outro, mas principalmente para si; elas mostram nossa vontade de memória e por vezes revelam ser um lugar de intimidade, onde desejamos inscrever uma marca. De maneira geral a maioria das pessoas que foram requisitadas a participar da intervenção, aceitaram com boa vontade, uns mais tímidos e outros com maior entrega à proposta. Nota-se na intervenção e na presença de cada caligrafia, que a preocupação com o exato significado do presente e a incerteza do futuro dão, do mais modesto dos vestígios ao mais humilde testemunho, a dignidade virtual do memorável.

Tais anotações são os fragmentos que representam este lugar como um lugar de memória. Elas permitem uma leitura possível do que reveste o Miradouro de um significado particular; através dela podemos desvendar o código do ritual que o monumentaliza. Em vista disso, apresento aqui as montagens de fotografias[3] (Figuras 2, 3 e 4) que realizei no Miradouro, junto com as anotações recolhidas da intervenção.

[3] As montagens fotográficas fazem parte de uma exposição que é desdobramento da intervenção temporária. As imagens foram feitas concomitantemente à realização da intervenção.

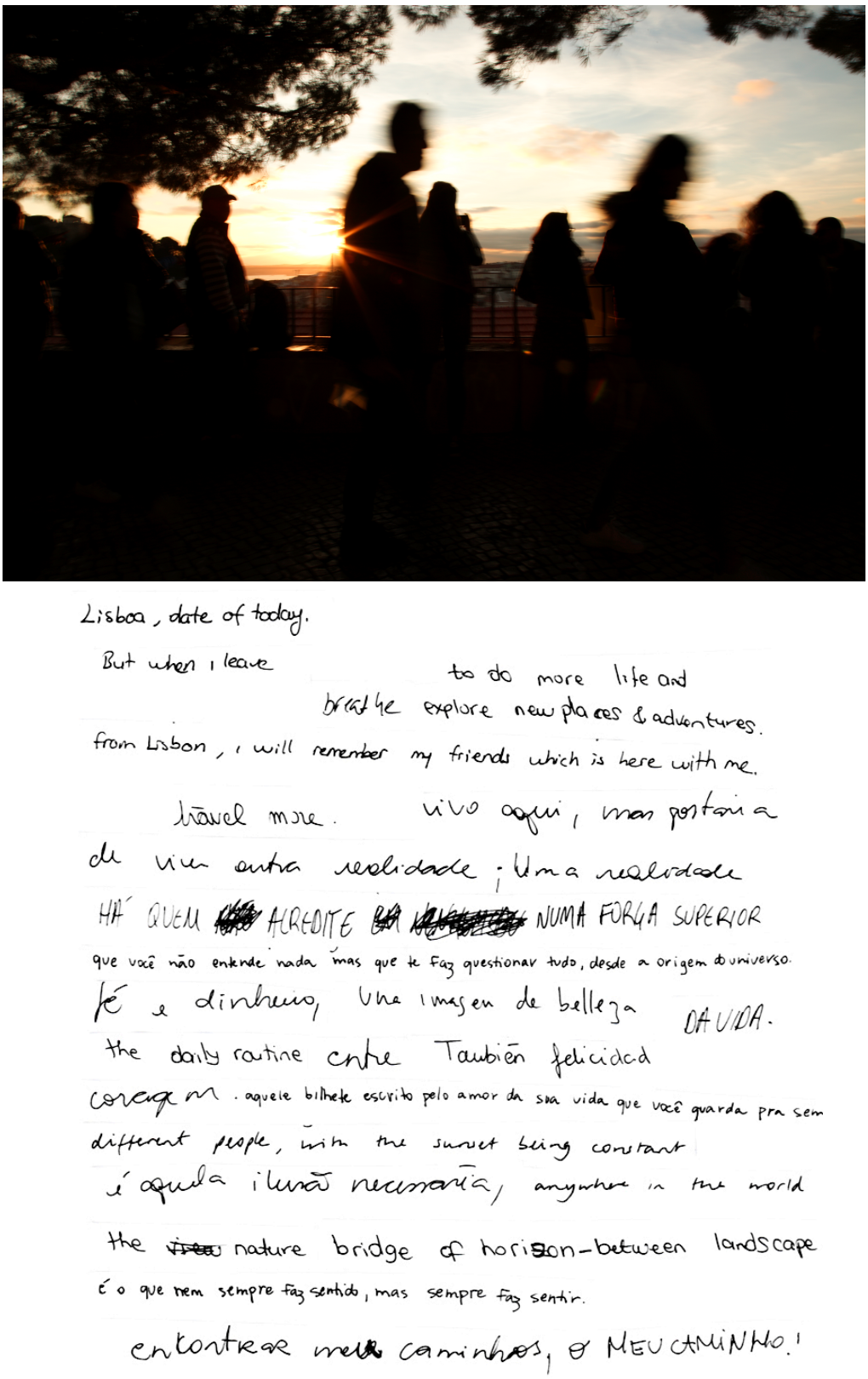

Figura 2. Guilherme Staine Prado, *Do Miradouro se vê o horizonte*, 28 de dezembro de 2018. Miradouro da Graça, Lisboa.

Lisboa 2018.

El mar y el sol y que ~~el~~ el año 2019 esté lleno de bendiciones

• Que la vida es muy corta, por lo tanto hay que disfrutarla; amando, perdonando y dando gracias.

a mis seres más queridos, seguir disfrutando, por una mayor Justicia Social

y sobretodo libertad to smoke ever more.

This one is my first Holiday with my girlfriend, so the image of "Lisabon" will remind me to her. Amazing view Great red city

There's old in the forefront, and new in the distance. AQUÍ

appreciate the things that go on around me.

Figura 3. Guilherme Staine Prado, *Do Miradouro se vê o horizonte*, 28 de dezembro de 2018. Miradouro da Graça, Lisboa.

— Lisboa, Dez. 2018 —

The sun came out after a Sangria stop
in Lisbon with Jess, December 2018. comiendo, riendo y

El horizonte me recuerda al mar, en concreto a
almeria, la playa de Rojales. Me recuerda a mi
niñez The horizon raises memories like the NOW
Olha. Respira e absorve Cidade das 7 colinas.
Cores, movimentos e reflexos But standing up here,
To take move time off from | navent-yet
social media, Sim. Construir casa.
move
qualquer pedaço do rio me transporta.
quando vejo o rio e o céu, fico feliz por dentro.
mesmo, quando só tenho uma vista para observar.
transporta-me para o outro lado do rio, para o passado.
para as minhas origens. "Sentados en una mesa
DEVERIA ESTAR conversando. Cosas simples de la vida.

EU ESTOU ONDE EU EU SOU O QUE EU DEVERIA SER E

It's like time stands still

Figura 4. Guilherme Staine Prado, *Do Miradouro se vê o horizonte*, 28 de dezembro de 2018. Miradouro da Graça, Lisboa.

- **Os lugares de memória, a intervenção e a qualidade da amabilidade como efeito.**

É o ritual que confere ao Miradouro sua importância como lugar de memória. As palavras que recebo confirmam minha suposição, elas já estavam ali como anotações em pensamento; através da intervenção temporária, elas estão expostas, acessíveis e criam uma nova interação dentro do jogo do ritual; as palavras provocam o encontro – a possibilidade de contato em que a amabilidade se desperta. Importante lembrar a definição de Fontes que confirma que a amabilidade se manifesta através de conexões e interações entre pessoas e espaço. A conexão entre as pessoas e o espaço já está dada pelo ritual, os atributos atraentes do Miradouro, a paisagem e o horizonte se encarregam de tal. No entanto, nota-se que sem a intervenção há pouca ou nenhuma interação entre as pessoas; ela acontece na medida em que os participantes percebem que suas anotações estão ali para serem palavras partilhadas e que em certo grau, essas palavras revelam algo de íntimo da experiência do outro sobre o acontecimento em comum que temos diante dos olhos, ou seja, quando se lê as anotações do outro, chega-se o mais perto possível de enxergar aquela paisagem com seus olhos. Dessa maneira, concluo então que a intervenção cumpre com o objetivo de ruptura dos hábitos individuais cristalizados. Como Fontes afirma:

> Defendo a intervenção temporária como uma ruptura positiva do cotidiano, e a amabilidade como a ruptura de hábitos individuais cristalizados no espaço coletivo, e que ambas não podem existir sem o pano de fundo do cotidiano. Há que se construir o tangível [espaços coletivos que permitam intervenções temporárias] para que a amabilidade tenha a oportunidade de manifestar-se na cidade. (Fontes, 2011, p. 40)

Sobre a relação entre a amabilidade e os lugares de memória, é fundamental compreender que não é a intervenção ou a amabilidade como seu efeito – que fazem do Miradouro um lugar de memória, antes disso, são as condições daquele espaço e suas características de um ritual específico, que me encaminham a pensar a intervenção temporária que o revela como tal. É neste sentido que os conceitos estão em contato. Meu trabalho chama atenção para a possibilidade de realizar intervenções temporárias que se utilizem das próprias estruturas e dinâmicas já existentes em um lugar de memória; visto que é preciso vigiá-los, do contrário, lembrando o pensamento de Nora – a história depressa os varreria. Por fim, sobre a intervenção temporária e amabilidade urbana concluo com os dizeres de Fontes:

> A boa vida tem algo mais do que simplesmente a dimensão do cotidiano, e a qualidade artística, festiva ou subversiva, que as intervenções temporárias aportam; corresponde a uma excepcionalidade na vida da cidade, um tempo especial em um espaço que se transforma. Não se vive só da satisfação das “mundanidades”, e, nesse sentido, as intervenções temporárias são as que presenteiam o “inútil” que faz desse cotidiano algo pleno, original e amável. (Fontes, 2011, p. 40)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

Crary J. (2012). *Técnicas do observador: Visão e modernidade no século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Dubois, P. (2012). *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, São Paulo: Papirus.

Flusser, V. (2018). *A filosofia da caixa preta: Ensaios para uma filosofia da fotografia.* São Paulo: É Realizações.

Fontes, A. (2011). *A amabilidade nos espaços coletivos de nossas* cidades (Tese de Doutorado, Universidade do Rio de Janeiro). Retirado de https://www.academia.edu/25303640/Amabilidade_urbana_a_qualidade_do_espa%C3%A7o-tempo_da_interven%C3%A7%C3%A3o_tempor%C3%A1ria

Nietzsche, F. (2008). *A vontade de poder.* Rio de Janeiro: Contraponto.

Nora, P. (1993). *Entre memória e a história: A problemática dos lugares.* Tradução, Yara Aun Khoury, Universidade de São Paulo. Retirado de https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101